

Revelação de Pinheiro da Rocha 116

por Helena Daltró
de Brasília

Quando o cirurgião Francisco Pinheiro da Rocha operou o presidente Tancredo Neves, na noite do dia 14 de março, véspera da posse, ele sabia que o estado do paciente era "extremamente grave, entre a vida e a morte". O relato, feito ontem pelo médico, no Hospital de Base de Brasília, após as declarações do cirurgião paulista Henrique Walter Pinotti pela televisão, é de que o presidente, naquela ocasião, já apresentava um quadro de bacteremia — bactérias no sangue —, com sintomas múltiplos de taquicardia, alterações da pressão arterial e infecção aguda.

"Passei o tempo todo num sofrimento terrível, pois sabia da gravidade do problema e da necessidade da intervenção cirúrgica desde o dia anterior, mas era obrigado a manter sigilo da situação, pois o pró-

prio presidente alegava razões de Estado e compromissos para com o povo brasileiro para adiar o ato cirúrgico", disse o médico.

Angustiado pelas críticas de que foi alvo, "injúrias e injustiças", segundo ele, e também preocupado com o estado de sua mãe, infartada na UTI do Hospital de Base há dois dias, Pinheiro da Rocha disse que, finalmente, o cirurgião Walter Pinotti "reconheceu que a equipe de Brasília se portou de forma correta, que não houve erros na cirurgia e no tratamento do paciente e a infecção de Tancredo foi de origem endógena, e não causada pela infecção hospitalar".

No dia da cirurgia, conta ele, "eu estava profundamente abalado, mas em nenhum momento deixei de repetir ao presidente, ao seu filho Tancredo Augusto e ao neto Aécio Neves que era preciso operar o quanto antes. Também não pensei jamais em abandonar o caso, não podia fazer isso, pois entendia as razões do presidente".

O clínico Renault de Matos Ribeiro, também entrevistado ontem por este jornal, igualmente isentou a equipe médica da responsabilidade pelo agravamento do estado de saúde do paciente. "Tancredo Neves já sentia dores e sintomas dias antes da operação, mas escondeu tudo de seus familiares, tanto é verdade que ele se automeDICOU, fez diagnósticos de sua doença e tomou antibióticos por conta própria.

Tancredo pensava ter uma crise de apendicite, segundo Renault Ribeiro. As 18 horas do dia 13 de

março, quando o clínico geral foi chamado à residência do Riacho Fundo por Aécio Neves, o presidente tinha febre e dores abdominais. O diagnóstico foi apendicite aguda, e no momento em que Renault disse isso a Tancredo o presidente respondeu: "Essa também é minha opinião".

O laboratorista Ubirajara Peres, que, como Renault, Pinheiro e o presidente do Hospital de Base, Gustavo Arantes, é médico da Câmara dos Deputados, fez exames do sangue de Tancredo e constatou aumento de leucócitos, observando já o quadro de infecção. A chamado do dr. Renault, Pinheiro da Rocha foi ao Riacho Fundo e, juntos, falaram ao presidente sobre a necessidade da cirurgia, ao que ouviram de Tancredo: "Nem me fale disso, cirurgia só depois da posse".

Mas o clínico geral reconheceu e declarou ao repórter Márcio Chaer, deste jornal, que, se ele tivesse insistido na necessidade da cirurgia, o presidente teria obedecido, "pois tratava-se de um paciente". O fato é que "eu também estava entusiasmado com a posse e cerquei-o de antibióticos", disse o médico.

O diagnóstico que atestava apendicite, no entanto, estava errado. Mas Renault justifica que 90% de quadros abdominais agudos se tratam de apendicites, os restantes 10% são diverticulites ou leiomiomas. Durante a cirurgia do dia 14, os médicos novamente fizeram um diagnóstico errado, e por semanas o País pensou que a doença do

presidente era diverticulite.

A extração do que chamaram divertículo de Meckel foi, na verdade, a retirada de um leiomioma perfurado e infeccionado, com seis centímetros de diâmetro e em forma de uma laranja. A descoberta foi feita pelo patologista do Hospital de Base, Elcio Luiz Miziara, no dia 15, e o laudo patológico foi entregue a Pinheiro da Rocha e ao filho do presidente, Tancredo Augusto. Por decisão da família, manteve-se a informação de que a doença do presidente era diverticulite, segundo informou um dos médicos da equipe de Brasília. Na semana passada, Miziara viajou para São Paulo e levou, a pedido de Pinotti, o material extraído da primeira operação. O laudo médico de São Paulo comprovou os exames feitos aqui. E unânime entre a equipe médica de Brasília a constatação de que a principal causa do grave estado de saúde em que se encontra o presidente foi a não realização da cirurgia no momento oportuno. Esse fato soma-se, segundo os médicos, ao estado de "stress" em que se encontrava Tancredo, devido à campanha eleitoral e aos seus 75 anos.